DISCURSO DE POSSE

VINICIUS BARROS LEAL

Exmo. Sr. Governador, Engenheiro Cesar Cals
Exmo. Sr. General Dr. Carlos Studart Filho
Minhas senhoras, meus senhores

Como Horner em seu "Diário", ergui-me pela madrugada, antes mesmo de ter ouvido anunciar o último aviso do vigia e em perfeita solidão, ofereci o coração e a inteligência ao meu Criador, pedindo fervorosamente, me iluminasse neste importante momento, me preservasse dos desvios de uma imaginação exaltada, das inclinações das amizades afetuosas, das opiniões extremadas e me permitisse, sob os auspícios da Divina Graça, regular com justiça as palavras desta oração.

Vôlvo os olhos para o alto, para o "Círculo dos Sábios", e vejo-os em suas Glórias, partícipes desta solenidade, juntos conosco, senão na presença física, mas na nossa memória, daqueles que, em perene sintonia, estão criando e recriando neste Instituto, na constituição de um elo entre os que se foram e os que prosseguem.

Atingimos hoje um ponto alto de nossas vidas e desta posição habilitamo-nos a olhar para a frente, para outros objetivos a realizar, para onde canalizaremos todo o nosso esforço. Neste Instituto, que já alcançou tão relevante estágio e que pretende alçar-se cada vez mais, a escolha de nossos nomes será para nós grande estímulo a exercitarmos nossas idéias e justas ambições e energias, no empenho comum da busca do saber autêntico, na perspectiva de compartilharmos convosco na pesquisa metódica do passado, das realidades do presente, na preparação do futuro, reconhecendo como Fuller (Estado Profano. 296), que sem a História o espírito humano é míope, "não vendo senão o que se lhe põe imediatamente diante dos olhos".

Escolhestes, entre vossos pares, o consócio Geraldo da Silva Nobre, inteligência das mais fulgurantes do cenário cultural do Ceará, para realizar a saudação protocolar que recomenda o vosso cerimonial. Fostes prodigos na demonstração de tão generosa amizade. Na palavra de vosso intérprete, ouvimos, encantados, a tradução do sentimento que vos domina. Agradecemos no mais profundo de nossas almas, a expressão desta manifestação, que mais revela e faz sentir a fidalguia da personalidade de quem a pronunciou.

"O amor à Ciência, o amor à Arte e o amor à verdade, intimamente relacionados e levados a uma união orgânica", eis no dizer de BUTCHER, os atributos do gênio grego. Muitas nações aspiraram à conquista desses predicados, mas, nem todas puderam orgulhar-se de possuí-los em sua totalidade. Algumas alcançaram, em uma ou outra virtude, elevado grau de perfeição; mas o equilíbrio ideal nunca alcançado. Os franceses no amor à Ciência, os italianos no amor à Arte, todos amando a verdade, concòrrentes de inspiração que fizeram a grandeza de muitos povos, a perenidade de tantos outros. No entanto uma nação, fora do Mundo clássico, parece-me, é capaz de orgulhar-se de ter podido satisfazer quase plenamente o ideal preconizado por Butcher: a inglesa. Devotados à Ciência, amantes da Arte e defensores da Verdade. Esta digressão vem a propósito, para realçar a figura do fundador e principal impulsionador deste Instituto, o Benemérito Barão de Studart, cearense de nascimento e muito mais ainda de alma e coração. Era, no entanto, filho de inglês, e do seu pai herdara, pelo sangue, todas aquelas qualidades que caracterizaram o povo da velha Albion. Amava a Ciência, amava a Arte, e amava a verdade. Reuniu em si, através do sangue de gerações, o atavismo helênico que identificou o povo que até hoje mais contribuiu para a humanidade nos campos de Cultura e do saber. E o Barão teve sempre sede de saber. Da juventude até à morte, viveu possuído de interesse nùnca satisfeito de mais conhecer e de mais transmitir. Foi um idealista que se dedicou, sem reclamar cansaço ou indisposição, ao que o mundo de hoje talvez despreze como inútil. Esforçado profundo e crítico como até então nenhum intelectual cearense houvera sido, tomando o caminho da pesquisa histórica, tornou-se um expoente, conservando este posto até hoje, muito além de sua morte pensou e agiu como os gregos antigos, tomando a dianteira em todos os empreendimentos concretos das associações culturais de nossa terra.

Fez História cientificamente; perseguiu objetivos, pesquisou, aplicou técnicas. Às Ciências humanas encaminhou suas ações e pensamentos. Aí, pôde bem caracterizar sua inteligência e sua vontade, aquela, no papel de luz, de orientadora e guia da ação volitiva. Era eminentemente prático e de uma prática científica, na qual a teoria exercia função organizadora e sintética, com intrepidez intelectual e certa ousadia de concretos.

Fez Arte também; foi médico, exerceu a sublime Arte de curar, de sedar as dores, de consolar os aflitos, de minorizar o sofrimento. Como médico, praticou a "Religião da Beleza", no sacrifício da renúncia, na dignidade do seu trabalho, na doação de todas as suas forças, na determinação de um servo da Bondade, de um escravo

do dever. Atraído por esse gozo estético, encontrou na profissão de Hipócrates os anelos dos verdadeiros e mais elevados valores.

Amou a Verdade. Reconheceu que a História humana é a História da Liberdade e da Redenção. "Veritas liberavit vos". E nesta busca, encontrou-se com a Verdade, meta constante de sua vida e um dos seus riquissimos legados a esta Instituição.

Privilegiado de sua herança helênica, de quem Henry Maine (Village Communities, 44) diz que "com exceção das forças cegas da natureza, nada existe no mundo que não seja grego em sua origem", legou ao Instituto estas prerrogativas, as quais têm sido preservadas até os dias de hoje, com todo o empenho e determinação de suas quatro gerações de consócio.

Muito a propósito procurei e encontrei, na lição da vida do Barão de Studart, esta afinidade com o helenismo clássico. Influência sedutora, perene, contínua, imperecível e dominante, que também procuramos alcançar, já que não pelo sangue, pelo menos, pelo batismo do desejo, fórmula válida e suficiente para tornarmo-nos partícipes desta invejável herança.

Permitistes, senhores, que participassemos também nessa sucessão, suma divisão que é multiplicação, num partir que é crescer, numa mitose que é extensão, amadurecimento, desenvolvimento. Fostes magnânimos, desprendidos; agistes com altruísmo e abnegação. Transmitistes a nós parte de vossos direitos, comunicastes a nós vossa condição de domínio da temporalidade. Somos gratos, envaidecidos e, sobretudo, reconhecidos. E aqui estamos, novos sócios do Instituto do Ceará, trazendo conhecimentos diversos, cada um no ramo historiográfico que mais o apaixona e a que se dedica, mas, identificados, unidos em objetivos e finalismo. Faremos vossas as nossas experiências, as nossas vivências. Pomos em vossas mãos nossas capacidades de empreendimento, de laboriosidade no pensar e agir, para juntos caminharmos, numa unidade de propósitos, numa harmonia de vistas, no verdadeiro espírito de equipe que deve predominar onde quer que se aplique ao estudo e à pesquisa.

Chegamos hoje ao Instituto pelos caminhos os mais diversos: pela perseverança e devotamento na investigação histórica e da curiosidade jornalística; pelo desempenho daquele "heroismo do saber" no dizer de Oliveira Torres, que é a atuação do Professor de História; pelo empenho na defesa das riquezas do Mar, o último grande patrimônio da humanidade, e pela louvação dos antigos na veneração aos antepassados. Trazemos também um amigo comum, que é também vosso amigo: O Livro. Amigo fácil, discreto, seguro, receptáculo da miséria e da ignorância humana" que, na voz de

Richard Bury (Philobiblio, 210), é "mestre que instrui sem palmatórias, sem palavras severas, sem retribuição em dinheiro ou espécie". Aproximamo-nos dele e o encontramos vigilante; o interrogamos e ele não se furtará a uma resposta; se erramos, não nos repreenderá e nem rirá de nós, se demonstrarmos ignorância. Liberais e independentes, dão pousada aos peregrinos e liberdade aos seus servos mais zelosos".

E com Milton, em Aeropagítica, reconhecemos que não são coisas mortas, antes, contêm em sí uma potência de vida que lhes permite igualar em atividade o espírito que lhes deu origem. Mais ainda, eles preservam, como em um frasco, a mais pura essência e toda a energia concentrada do cérebro vigoroso que os gerou". Só eles inspiram força às convenções humanas, e opinião alguma consegue se impor sem o seu apoio". (De Bury).

Vemos em nossa Biblioteca o catalizador poderoso, o acelerador do desenvolvimento e do progresso que todos almejam e que, certo, jamais nos arrependeremos de perseguir com os sacrifícios que isso signifique para o desabrochar de um magnífico resultado. O abrigo de vossos livros será a oficina de todos nós.

Vimos como disse, de diferentes ramos da historiografia. Da pesquisa paciente e ordenada e da legítima compreensão de verdadeira preservação física, da defesa e da catalogação das peças raras do jornalismo nacional e sobretudo cearense. Com método e objetividade, imenso acervo de publicações tem sido guardado, selecionado, tornado assim facilmente reproduzível e consultável aquilo que já teria perecido sem esses cuidados que merece um verdadeiro patrimônio cultural.

Da Cátedra, nesse peregrinar anônimo de sala em sala, no meio de uma mocidade inquieta e nem sempre receptível, procurando transmitir aquilo que muitas vezes custou um sacrifício incompreendido em busca da verdade. Vimos da pesquisa sistemática, especializada, de um debruçar sobre um tema apaixonante no emaranhado das realidades. Da determinação de uma investigação, muitas vezes ignorando sua verdadeira utilidade prática, mas num participar de todas as manifestações da sabedoria. Entendendo, como recentemente o fez S.S. Paulo VI na sua Mensagem às Nações Unidas na Conferência sobre o Direito do Mar, que esses conhecimentos devem ser aplicados ao serviço da Humanidade, "com a boa vontade de todos, com imaginação criativa e coragem para corrigir os sistemas e instituições atuais", procurando nos recursos marinhos o maior e melhor equilíbrio social e econômico, oferecendo ao mundo, a tôda a Humanidade, uma justiça cada vez maior e uma paz cada vez mais estável. (Osservatore Romano, 29.9.74).

Permiti, senhores, que me prolongue um pouco mais sobre tão notável ramo da História, a Genealogia, cultivado desde a mais remota antiguidade, em tempos havida como a mais nobre das Ciências. Teve o seu apogeu na França, com Le Laboureure, Duchesne, renomados em toda a Europa, peritos sem igual na arte de fixar fatos e verificar datas, as ascendências e os Brasões. Durou isto até o século XIX, quando, então, já homens que dela se ocupassem poderiam se revelar como os últimos representantes de uma classe decaída, merecedora de banimento do solo francês. A Alemanha, pelo contrário, recebendo esses exilados, jamais deixou de prestigiá-los e de demonstrar o mais intenso prazer no ajudar em suas pesquisas.

Inúmeras questões de sucessão foram alí analisadas com métodos verdadeiramente científicos. Nem só isso: no decorrer do século XIX e início do XX, problemas biológicos passaram a preocupar os sábios, interessando particularmente aos genealogistas e geneticistas. Foi o encontro da Ciência nobiliárquica com a ciência laboratorial contemporâneas. Problemas, às vezes angustiosos eram levados aos especialistas para última palavra sobre uma fatalidade inexorável de uma herança patológica. Hoje, não se discute mais o papel representado por um cultor deste ramo do conhecimento humano numa equipe de cientistas que estude o comportamento das populações no ponto de vista da Genética ou da Etnografia.

Longe está o tempo em que se via no Genealogista, apenas o indivíduo preocupado nas jactâncias de seus costados, nos títulos de seus avoengos, na fidalguia e na posição social de que sétimos e oitavos avós foram beneficiados em suas remotas eras. Vale a pena citar aqui, Jacinto de Albuquerque Bittencourt, em "Nobreza de Portugal". Não é, com efeito, suficiente gloriar-se das insígnias e feitos de seus avós, sem tratar de os imitar, pois, a nobreza é um título perpétuo devido às virtudes, que os filhos de nobres são obrigados a pagar enquanto vivem, e só deve ser reconhecido nos homens que tratam de ser semelhantes aos progenitores de quem se herdam". E mais "não vale saber de que pais são filhos, mas é preferível conhecer-se de quais obras são pais".

É do Eclesiastes este conselho: "Louvemos os varões gloriosos e os nossos antepassados na sua geração". E Pascal estimulando a busca das nossas origens, disse: ""É um herdeiro quem encontra as qualidades de sua casa. A casa se dirá que não é falsa e não se preocupará em as examinar?".

Manifestemos, pois, essa gratidão que é dever de um coração bem formado. Cultivemos suas memórias, festejemos seus feitos.

Reconheçamos de início, que de nobres e peões todos nós descendemos. Procuremos neles seus exemplos, suas ações heróicas, ou simplesmente humanas; tiremos de suas qualidades e defeitos as lições desse conhecimento. A mais antiga disciplina auxiliar da História, anterior, mesmo à História narrativa, teve sua origem no "Genesis", "o primeiro tratado genealógico", na opinião do mestre Honório Rodrigues. (Teoria da História, 2.º 397). Muito teremos que fazer no Ceará no estudo e sistematização de suas 12 gerações, no esclarecimento de sua atuação bio-social.

Em qualquer setor desses conhecimentos, encontramos no Instituto mestres abalizados, possuidores do mais profundo saber especializado, homens que com devotamento, inteligência e interesse pela Cultura cearense, se abeberaram em todas as fontes, perquiriram, analisaram, filtraram fatos e idéias. Do amável convívio que hoje se inaugura para nós, muito haveremos de aproveitar seguindo suas pegadas.

Senhores, escolhestes representantes dos três pilares que apoiam esta Instituição. Pusestes nos nossos ombros parte do ônus que suportais. Não nos inquietamos, porém. Aqui estamos, prosseguiremos juntos. Juntos suportaremos os encargos, para melhor êxito desta tarefa que é mister comece pelo amor à Ciência e dedicação à Arte, inspirados no verdadeiro sentido da Liberdade, que é a Verdade.

Coincidentemente, este ano comemora-se o centenário de morte de Santo Tomás de Aquino. Toda a intelectualidade universal tem prestado as mais justas homenagens ao Doutor Angélico. Dediquemos, pois, neste momento, uma lembrança à sua "grande e hierática figura" (Paulo VI. Oss. Rom. 251,1). Depositemos nele a confiança de sua ajuda na solução dos problemas da fé e da Ciência, encontrado na Fé o caminho que a Ciência deve palmilhar com a inteligência humana, em busca da Divina verdade que sustenta e ilumina todo o conhecimento humano, livrando-o do inútil esforço, da incurabilidade da dúvida, do ceticismo desesperado, do orgulho insensato, do despotismo científico, enfim.

Sob o pórtico do Instituto do Ceará, sustentado pelas colunas da História, da Geografia e da Antropologia, animados, nós, pelos propósitos de nossa dedicação, sob a bênção de Deus, no ano jubilar de Santo Tomás, entramos nesta Casa de Barão de Studart, que de agora por diante será também a nossa casa, refúgio e Templo, Lar e Oficina.

Os recipiendários de hoje encontram-se em frente a uma estrada aberta, com encostas para galgar e descer, com abrigos para proteção nas horas amargas, com apoio, amparo e remédio nos

tempos incertos, com vento favorável, numa rota onde só encontramos amigos. É o lugar certo que o espírito exige, para livrarmo-nos de algo de supérfluo que povoa nossas mentes de homens de vida intelectual ativa", que tanto escrevem para o fogo como para o prelo" (Jerônimo Cardan, 132).

Senhores, na recepção desta alta dignidade que nos concedestes, com tão graves encargos e responsabilidades, recebei o nosso firme compromisso, corajoso, grave e veraz, de que é nosso pròpósito recolhermos, mesmo que em fragmentos, os mil pedaços, os mil retalhos da virgem Verdade lançados aos 4 ventos por Tifão, o filho de Geia.

Entre vós estamos, numa solenidade sem fausto nem pompa, lembrando reverentes os nomes daqueles homens de Saber que aqui palmilharam a serviço deste Instituto. A eles nossa homenagem e nossa gratidão. E também vós que hoje aqui estais, recebei-nos com benevolência e aguardai o que o futuro nos reserva: Vitória ou fracasso. Acompanhai os nossos primeiros passos, vacilantes e incertos, com a demonstração da amizade que sempre foi apanágio de uma entidade cultural, tão notória no passado e tão eminente no presente.